

**comunicar é negociar**

## CONSELHO EDITORIAL

Alessandra Teixeira Primo – UFRGS  
Álvaro Nunes Laranjeira – UFES  
André Lemos – UFBA  
André Parente – UFRJ  
Carla Rodrigues – UFRJ  
Cíntia Sanmartin Fernandes – UERJ  
Cristiane Finger – PUCRS  
Cristiane Freitas Gutfreind – PUCRS  
Erick Felinto – UERJ  
Francisco Rüdiger – UFRGS  
Giovana Scareli – UFSJ  
Jaqueline Moll – UFRGS  
João Freire Filho – UFRJ  
Juremir Machado da Silva – PUCRS  
Luiz Maurício Azevedo – USP  
Maria Immacolata Vassallo de Lopes – USP  
Maura Penna – UFPB  
Micael Herschmann – UFRJ  
Michel Maffesoli – Paris V  
Moisés de Lemos Martins – Universidade do Minho  
Muniz Sodré – UFRJ  
Philippe Joron – Montpellier III  
Renato Janine Ribeiro – USP  
Rose de Melo Rocha – ESPM  
Simone Mainieri Paulon – UFRGS  
Vicente Molina Neto – UFRGS

APOIO



COLEÇÃO ALDEIA GLOBAL

Dominique  
Wolton

**comunicar  
é negociar**

TRADUÇÃO  
JUREMIR MACHADO DA SILVA



*Editora Sulina*

Copyright © Dominique Wolton, 2023

Copyright © Editora Meridional, 2023

Copyright © CNRS Éditions, 2022

Titulo original: *Communiquer, c'est négocier*

## **Capa e projeto gráfico**

Cintia Belloc

## **Revisão**

Simone Ceré

## **Editor**

Luis Antonio Paim Gomes

## **Coordenador da Coleção Aldeia Global**

Juremir Machado da Silva

Biblioteca responsável: Denise Mari de Andrade Souza CRB 10/960

---

W869c Wolton, Dominique

Comunicar é negociar / Dominique Wolton, tradução de  
Juremir Machado da Silva. – Porto Alegre: Sulina, 2023.  
128 p.; 14x21 cm.

Título original: *Communiquer, c'est négocier*.

ISBN: 978-65-5759-108-6

1. Comunicação. 2. Tecnologia da Informação. 3. Ciências  
Sociais. 4. Comunicação e Tecnologia. I. Título.

CDU: 316

CDD: 301.14

---

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA MERIDIONAL LTDA.

Rua Leopoldo Bier, 644 – 4º andar

CEP: 90620-100 – Porto Alegre – RS

Tel.: (51) 3110-9801

sulina@editorasulina.com.br

www.editorasulina.com.br

Maio/2023

Impresso no Brasil/*Printed in Brazil*

Para D, El, Ed...

# Sumário

## Introdução

UMA TEORIA POLÍTICA DA COMUNICAÇÃO 11

## Capítulo I

RECEPTOR E ALTERIDADE 17

Muros e fronteiras: a eterna questão da relação com o outro 19

Incomunicação e alteridade 24

“Se todos falam, quem ouve?” 30

Quatro estereótipos sobre informação e comunicação 35

A nova ordem sexual 39

Publicidade: pensar esse claro-escuro 43

Artistas pegos na armadilha 50

Uma juventude pouco amada 52

Bibliografia *Hermès* 53

Bibliografia complementar 54

## Capítulo II

### GLOBALIZAÇÃO, DIVERSIDADE CULTURAL, TRADUÇÃO 55

A terceira globalização 57

O papa: a voz da diversidade 64

Francosfera? A francofonia na globalização 68

Diplomacia e comunicação, o mesmo desafio 70

O imenso, indescritível e impensável Pacífico 75

BRICS, uma convivência absurda 79

Música, nossa universalidade 83

Bibliografia *Hermès* 84

Bibliografia complementar 85

## Capítulo III

### A FORÇA DA UNIÃO EUROPEIA 87

União Europeia, vitória da incomunicação 88

Revalorizar o quarteto: relação com o passado,  
com a identidade, com a nação e com as religiões  
do Livro 92

União Europeia, uma invenção política sem  
informação nem comunicação 94

Incomunicação, motor da Europa 102

Vinte e cinco projetos teóricos e políticos para  
a União Europeia 107

Bibliografia *Hermès* 115

Bibliografia complementar 116

## **Conclusão**

**A INCONTORNÁVEL QUESTÃO DA ALTERIDADE 117**

## **Epílogo**

**DUAS FILOSOFIAS DE COMUNICAÇÃO 125**

# Índice de destaques

- Informação e comunicação: cada vez mais complicado 23
- As cinco dimensões da informação 23
- Três inseparáveis: comunicação, incomunicação, *acomunicação* 29
- Redes e alteridade 38
- Do aborto à PMA na França 43
- Disputa pela legitimidade 49
- A tentação tecnológica 51
- Diversidade cultural, um desafio tão grande quanto o do clima 62
- Condições para uma comunicação honesta 67
- Natureza e sociedade: dois pesos, duas medidas 75
- Incomunicação, matriz indispensável da política 82
- Informação e comunicação: um destino comum 91
- As fronteiras da Europa 102
- Pensar a incomunicação 106
- Informação e comunicação: cinco grandes dimensões 118



## INTRODUÇÃO

# Uma teoria política da comunicação

Um dos desafios fundamentais do século XXI? Fazer entrar, enfim, a informação e a comunicação no panteão dos grandes conceitos e valores do século. De resto, os dois são indispensáveis para pensar um mundo aberto e de difícil compreensão. Apesar disso, esses dois conceitos são, com frequência, desvalorizados e provocam desconfiança.

Informação é, contudo, símbolo de liberdade; comunicação, símbolo de reconhecimento do outro e da necessidade de negociação. Esses dois conceitos encontram-se, aliás, no centro da paz e da guerra num mundo “aberto e transparente”, onde é preciso, ao mesmo tempo, preservar as identidades, a diversidade cultural e a referência ao universal. Eles são essenciais para se evitar a guerra e favorecer a convivência.

É este trabalho teórico que venho realizando há mais de trinta anos, refletindo sobre as múltiplas situações pessoais, culturais, sociais, políticas e diplomáticas feitas de comunicação e não comunicação. Isso para ajudar a preencher o vazio teórico sobre o status da informação e da comunicação no campo do conhecimento.

Esses dois conceitos são essenciais por três razões. Epistemológica: porque são fundamentais para qualquer teoria do conhecimento e para a interdisciplinaridade. Eles também são centrais para as liberdades individuais, políticas e culturais. Finalmente, são necessários, na era da globalização, pela questão das identidades e da diversidade cultural. Este trabalho é feito também na revista *Hermès* (CNRS Éditions), que criei em 1988, com 88 edições até agora, cujo subtítulo, “comunicação, cognição, política”, ilustra bem essas perspectivas teóricas. Alguns textos deste livro foram publicados lá em versão original. Produção de conhecimento, comparações, história e erudição são essenciais para tentar pensar a revolução da informação e da comunicação que está impactando nossas análises e experiências.

O risco hoje é a perda massiva de confiança na informação e na comunicação, no momento em que, paradoxalmente, ambas nunca foram tão essenciais. As crescentes dificuldades da comunicação humana explicam em grande parte o sucesso da comunicação tecnológica, que muitas vezes é mais eficiente, a ponto de muitos crerem que existe uma possível continuidade entre essas duas comunicações. A realidade humana e social, contudo, permanece muito mais complexa do que o desempenho das tecnologias.

Em suma, estamos diante de uma crescente falta de comunicação e diante da ilusão de uma comunicação tecnológica bem-sucedida. Triunfo da ideologia tecnicista contra a desumanização; confusão entre interatividade tecnológica e intercompreensão humana. Desafio do século XXI? Gerenciar a relação entre alteridade, negociação e convivência. Este século descobre com dor a dimensão da comunicação, a necessidade da negociação e, finalmente, a dificuldade da convivência, três elementos que estão no

coração da comunicação. Em poucas palavras, meu objetivo é defender uma concepção política e não tecnológica da comunicação e sair o mais rápido possível do ponto cego do pensamento teórico e político que desvaloriza demais a informação, a comunicação e a incomunicação. É preciso pensar na transição da revolução da informação do século XX para as incertezas das relações humanas no século XXI. Relativizar o papel da tecnologia. Recolocar o indivíduo no centro das discussões. Redescobrir as dimensões culturais e políticas da informação e da comunicação, ambas essenciais à democracia. Além disso, essas três palavras – incomunicação, negociação e convivência – são o pivô da história política contemporânea.

De certa forma, caracterizam o novo espaço público na era da globalização. Não há comunicação política sem liberdade, igualdade e respeito pela alteridade, nem sem referência a identidades e diversidade cultural. Não há comunicação política sem negociação e sem a organização da convivência cultural ou sem referência a valores universais.

É aqui que a União Europeia é um grande exemplo. Membros da União Europeia “discordam em tudo, mas estão sempre juntos”. Ainda que de modo algum enganados pelo que os separa, pouco atraídos uns pelos outros, superaram, no entanto, sua falta de comunicação por meio de negociações incessantes, e assim contribuem, mesmo sem ter plena consciência disso, para a construção de uma coexistência política e social.

A União Europeia ilustra a força desses dois conceitos políticos, informação e comunicação, e seu protagonismo na negociação e na coexistência cultural.

Um exemplo recente exemplifica o papel da comunicação e da incomunicação a respeito da Europa e da Ucrânia. Desde o fim do comunismo, há trinta anos, multiplicaram-se

as trocas entre as duas Europas sem conseguir aproximá-las. Certa desconfiança permaneceu. Contudo, por ocasião da guerra iniciada em fevereiro de 2022, para além das incompreensões, a solidariedade triunfou com o slogan “viva a Ucrânia, viva a Europa”. A tragédia aproxima as duas Europas e mostra o papel da superação das dificuldades de comunicação. A força da Europa é se recompor e se fortalecer por ocasião de acontecimentos trágicos. Este é o caso hoje da Ucrânia, como foi com o Brexit e com a Covid-19.

Os três capítulos deste livro mostram, com exemplos históricos, por que e como hoje comunicar significa negociar para evitar o fracasso da comunicação e conseguir viver juntos. Isso aparece no capítulo 1, com o papel da comunicação em todas as realidades contemporâneas. No capítulo 2, com os riscos de incompreensão decorrentes da globalização. Por fim, no capítulo 3, no qual, ao contrário, descobrimos o quanto a dificuldade de comunicação contribui para a construção da União Europeia. Finalmente, a conclusão sublinha a importância das dimensões políticas. Na realidade, a dificuldade de comunicação está entre dois extremos: o sucesso da comunicação e, ao contrário, o seu fracasso, a ausência de comunicação<sup>1</sup>.

Uma palavra final sobre negociação. Ela é essencial para a comunicação, apesar de nem sempre ser valorizada. Na maioria das vezes somos forçados a negociar quando não podemos fazer o contrário. Negociar, portanto, implica fazer concessões. Preferimos estar logo de acordo ou impor uma escolha. Mas, da vida privada à vida pública, das

---

1. Nota do tradutor: Dominique Wolton usa três conceitos: comunicação, incomunicação (dificuldade de comunicação) e *acomunicação* (ausência de comunicação). Para evitar confusão com o sentido usual de incomunicação em português, os conceitos aparecerão sempre abertos sempre que possível: comunicação, dificuldade de comunicação e ausência de comunicação.

relações sociais à globalização, passamos nosso tempo negociando. Isso significa simplesmente que não podemos mais ignorar o outro... Na realidade, a negociação é a base da democracia. Tudo é negociado, mesmo que leve tempo e exija concessões mútuas. Não há negociação sem comunicação e vice-versa.